
PERCEPÇÕES DO BEM-VIVER ENTRE BAIXADAS AMAZÔNIDAS: ESCRIVIVÊNCIAS URBANAS DO REAL E DA SOLIDARIEDADE NAS RUAS, BECOS, BAIXADAS, PALAFITAS DA CIDADE

PERCEPCIONES DEL BUEN VIVIR EN LAS ZONAS BAJAS AMAZÓNICAS:
ESCRIVIVÊNCIAS URBANAS DE LA REALIDAD Y DE LA SOLIDARIDAD EN LAS
CALLES, CALLEJONES, ZONAS BAJAS Y PALAFITOS DE LA CIUDAD

PERCEPTIONS OF WELL-BEING IN THE AMAZONIAN LOWLANDS: URBAN
ESCRIVIVÊNCIAS OF REALITY AND SOLIDARITY IN THE STREETS, ALLEYS,
LOW-LYING AREAS, AND STILT HOUSES OF THE CITY

Luani Carina Aguiar Rodrigues¹

<https://orcid.org/0009-0007-8695-0646>

<http://lattes.cnpq.br/8243070243393886>

Lucas Henrique Navegantes Lobato²

<https://orcid.org/0009-0007-9724-3904>

<http://lattes.cnpq.br/9649524475910269>

RESUMO: Composto as escritivências, essa traz a luz como o conceito de Bem-viver, inspirado no *Sumak Kawsay* indígena Kichwa, podem ser utilizados como movimento de esperança nas periferias urbanas amazônidas, especialmente nas baixadas de Belém e Ananindeua. Inspirados pela escritivência de Conceição Evaristo, nossa perspectiva é transformar memórias e vivências locais em reflexão crítica sobre desigualdades históricas, socioespaciais e socioambientais. Essa escrita contextualiza a formação urbana de Belém e Ananindeua, marcada pela segregação entre centro e baixadas, ausência de políticas públicas, invasões, criminalidade, violência e precariedade de infraestrutura. Exemplos como as cidades e bairros em que crescemos, circulamos, vivemos e fomos acolhidos como: Ananindeua, Belém e Marajó. Águas Brancas, Icuí, Curuçambá, Guajará, PAAR, Tenoné, dentre outras, evidenciam como as ocupações populares se estruturaram em meio à exclusão social, violência e vulnerabilidades ambientais. A narrativa traz escritivências que revelam nossos cotidianos de violência, desigualdade e precariedade, mas também as formas de resistência, solidariedade e cuidado coletivo que sustentam as comunidades. Relações de vizinhança, redes de apoio, práticas culturais e religiosas aparecem como elementos que mantêm

¹ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade da Amazônia (UNAMA) Estudante de graduação do curso de Letras Portuguesa(UFPA), bolsista mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Ativista socioambiental pela Rede Jandyras, integrante do grupo de pesquisa Ação Pública Território e Ambiente (ACTA-UFPA)E-mail: luani.carina@gmail.com.

² Mestrando no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) Universidade Federal do Pará (UFPA). Pesquisador do grupo de pesquisa Ecologia Humana, Natureza e Povos Amazônicos (EHNAPAM) e Guamá Coletivo de Pesquisa da Amazônia Urbana. Morador da maior das invasões. E-mail: caslunavegantes@gmail.com.

vivo o Bem-viver, entendido não como utopia distante, mas como prática concreta de sobrevivência e dignidade em meio a adversidades. Por fim, o artigo defende que o Bem-viver nas Baixadas é um ato político e coletivo, expresso em práticas de solidariedade, cuidado comunitário e resistência frente à lógica capitalista e individualista. Mais do que um ideal, ele se constrói diariamente nos territórios periféricos, como estratégia de vida, pertencimento e enfrentamento das desigualdades.

Palavras-chave: *Escrevivência*, Bem Viver, Baixadas/Periferias Urbanas, Amazônia urbana, Desigualdad.

RESUMEN: Este texto, que compone las *escrevivências*, saca a la luz cómo el concepto de Buen Vivir, inspirado en el Sumak Kawsay indígena kichwa, puede ser utilizado como un movimiento de esperanza en las periferias urbanas amazónicas, especialmente en las zonas bajas de Belém y Ananindeua. Inspirados por la *escrevivência* de Conceição Evaristo, nuestra perspectiva es transformar memorias y vivencias locales en una reflexión crítica sobre las desigualdades históricas, socioespaciales y socioambientales. Esta escritura contextualiza la formación urbana de Belém y Ananindeua, marcada por la segregación entre el centro y las zonas bajas, la ausencia de políticas públicas, las invasiones, la criminalidad, la violencia y la precariedad de la infraestructura. Ejemplos como las ciudades y barrios en los que crecimos, circulamos, vivimos y fuimos acogidos (Ananindeua, Belém y Marajó: Águas Brancas, Icuí, Curuçambá, Guajará, PAAR, Tenoné, entre otros) evidencian cómo las ocupaciones populares se estructuraron en medio de la exclusión social, la violencia y las vulnerabilidades ambientales. La narrativa trae *escrevivências* que revelan nuestras vidas cotidianas de violencia, desigualdad y precariedad, pero también las formas de resistencia, solidaridad y cuidado colectivo que sostienen a las comunidades. Las relaciones de vecindad, las redes de apoyo, las prácticas culturales y religiosas surgen como elementos que mantienen vivo el Buen Vivir, entendido no como una utopía distante, sino como una práctica concreta de supervivencia y dignidad en medio de las adversidades. Finalmente, el artículo defiende que el Buen Vivir en las zonas bajas es un acto político y colectivo, expresado en prácticas de solidaridad, cuidado comunitario y resistencia frente a la lógica capitalista e individualista. Más que un ideal, se construye a diario en los territorios periféricos como una estrategia de vida, pertenencia y enfrentamiento de las desigualdades.

Palabras clave: *Escrevivência*, Buen Vivir, Urban Peripheries\Baixadas Urban Amazon, Desigualdad.

ABSTRACT: Composing these *escrevivências*, this paper sheds light on how the concept of Well-Being, inspired by the indigenous Kichwa term Sumak Kawsay, can be used as a movement of hope in the Amazonian urban peripheries, especially in the lowlands of Belém and Ananindeua. Inspired by Conceição Evaristo's *escrevivência*, our perspective is to transform local memories and lived experiences into a critical reflection on historical, socio-spatial, and socio-environmental inequalities. This writing contextualizes the urban formation of Belém and Ananindeua, marked by segregation between the center and the lowlands, a lack of public policies, invasions, crime, violence, and precarious

infrastructure. Examples such as the cities and neighborhoods where we grew up, moved, lived, and were welcomed (Ananindeua, Belém, and Marajó: Águas Brancas, Icuí, Curuçambá, Guajará, PAAR, Tenoné, among others) show how popular occupations were structured amid social exclusion, violence, and environmental vulnerabilities. The narrative brings *escrevivências* that reveal our daily lives of violence, inequality, and precariousness, but also the forms of resistance, solidarity, and collective care that sustain these communities. Neighborhood relationships, support networks, and cultural and religious practices appear as elements that keep Well-Being alive, understood not as a distant utopia but as a concrete practice of survival and dignity in the face of adversity. Ultimately, the article argues that Well-Being in the lowlands is a political and collective act, expressed in practices of solidarity, community care, and resistance against capitalist and individualistic logic. More than an ideal, it is built daily in peripheral territories as a strategy for life, belonging, and confronting inequalities.

Keywords: *Escrevivência*, Well-Being, Urban Peripheries\Baixadas, Urban Amazon, Inequality.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo nasce da confluência entre vivências pessoais, memórias compartilhadas e a análise crítica de processos históricos e socioambientais que moldam a vida nas baixadas de Belém e Ananindeua, município que integra a Região Metropolitana de Belém (RMB). A partir da *escrevivência* de Conceição Evaristo, parafraseando Conceição em *Becos da Memória*, aqui nossa perspectiva é narrar experiências que, mesmo não sendo vividas diretamente por todos os autores, atravessam nossas histórias, vidas e territórios, ao mesmo tempo em que se reflete parte das reais vidas dentro da Amazônia Urbana. A intenção é transformar essas narrativas em questões políticas e acadêmicas, afirmando que o Bem-viver nas favelas não é utopia, mas é real, mesmo que ainda ameaçado por desigualdades históricas. Nossa utopia é sonhar que o bem-viver seja compartilhado entre nossos pares e nossas ruas.

O conceito ou a ideia de Bem-viver do termo indígena *Sumak Kawsay* do povo *Kíchwa* vem se mutualizando ao decorrer do tempo, em relação a denominação de origem “*Uma forma bela de viver*”, em diversos países da América Latina em especial no Brasil onde essa discussão ainda é recente, de acordo com as análises de Cunha e Souza (2023). O termo Bem-viver no Brasil vem sendo atribuído de sentidos distintos do uso original indígena andino, que em resumo possuem dois viés, o territorial e o ético, ou seja, o bom relacionamento com o território aliado a valores como harmonia, compaixão, solidariedade, escuta, dentre outros. Os autores nas análises de diversas publicações perceberam diversas linhas de pensamento sobre o Bem-viver, desde associações com

espiritualidade/territorialidade, qualidade de vida, passando por decolonialidade, críticas ao modelo desenvolvimentista da modernidade, gênero, raça, e epistemologias do Sul global. No entanto, diferente de nossos outros irmãos latino-americanos, em especial Equador e Bolívia, o Brasil vem escolhendo um caminho particular do uso do Bem-viver, talvez por conta das nossas peculiaridades e da busca por visões indígenas e de populações tradicionais locais. O Bem-viver, nesse sentido, dialoga com práticas de cuidado coletivo, reciprocidade e respeito à natureza.

Em territórios marcados por precariedades e violência, como as baixadas de Belém e Ananindeua, ele se manifesta no cotidiano das relações de vizinhança, na solidariedade frente às crises e na ressignificação dos espaços urbanos fazendo uma reflexão dessa dita “modernidade” que “alcançamos” nos levaram a diversos caminhos e lugares buscando sempre almejar uma plenitude de vida. Imersos nas entranhas do capitalismo onde a desigualdade impera e o individualismo se sustenta, comunidades e populações tradicionais ainda resistem em busca do Bem-viver coletivo e da manutenção da conexão com a natureza e nas cidades em especial as pobres e periféricas o senso de coletividade ainda suspira através das igrejas, movimentos, coletivos e centros comunitários dentre outros espaços de socialização, porém mais afastados da natureza. Assim, o que propomos aqui é compreender como esse Bem-viver se constrói, resiste e se transforma diante de um modelo de urbanização que reforça desigualdades socioespaciais, socioambientais e raciais.

Este artigo busca, portanto, compreender como o Bem-viver é tecido nas margens, sejam elas margens geográficas, sociais e simbólicas, tomando o território como protagonista e as experiências narradas como saberes localizados. Mais do que uma descrição socioantropológica, trata-se de uma tentativa de registrar e refletir sobre modos de vida que desafiam a precariedade, transformando-a em vínculo, apego, acolhimento e resistência.

2 CONTEXTUALIZANDO O ESPAÇO E VIVÊNCIA DA ESCRITA

2.1 Formas de invadir a cidade: de Belém a Ananindeua-PA

A cidade de Belém foi fundada em 1616 pelos portugueses para proteger o território da ameaça de ocupação de outras nações europeias. No século XIX, Belém era a principal cidade amazônica e constituiu-se como principal rota de fuga de pessoas negras escravizadas

de regiões próximas, como a Ilha do Marajó, a região Guajarina e o Baixo Tocantins (Bezerra Neto, 2000 *apud* Miranda, 2022). É importante ressaltarmos aqui esses dados, pois através deles é possível traçar um panorama de como se deu a formação da população da cidade Belém e seu processo de urbanização. O autor também relata em sua dissertação que todas as ações de estruturação urbana ocorreram majoritariamente na parte alta da cidade, desconsiderando algumas partes mais baixas e suscetíveis às inundações. Assim como destaca Cardoso *et al.* (2018), “Com a intensificação da migração de camponeses amazônicos para Belém, as baixadas ofereceram o ambiente para a transição da vida rural para a vida urbana”. Durante o período do “boom da borracha”, com investimentos estrangeiros as principais intervenções imobiliárias foram feitas no centro da cidade, expulsando as camadas mais pobres para as áreas mais baixas da cidade, como pontuam os autores (Bárbara Weinstein, 1993; Karol Soares, 2008; Marcos Valadares, 2021).

Até os dias atuais, essa população em constante crescimento tem sido desfavorecida pela ausência de políticas públicas e de projetos de infraestrutura adequados às realidades de seus espaços. Como pontua Lobato (2024), é possível observar a dicotomia entre centro e baixadas na forma como se intervém na cidade ao longo de sua formação. Bairros como Jurunas, Terra Firme, Guamá e Cremação transformaram-se em verdadeiros enclaves que separam a Belém planejada da Belém esquecida, mesmo esses bairros em fronteira com o centro a reprodução das desigualdades e injustiças socioambientais é histórico e evidente. Para além disso foram sendo construído conjuntos habitacionais em áreas bem distante dos centros, surgindo as periferias em um novo contexto espacial da cidade, bairros como, Tapanã, Bengui, Tenoné, sofrem com a falta de mobilidade e áreas culturais e de lazer que ficaram concentradas apenas na Belém planejada sem falar em saneamento e segurança.

Hoje o município de Belém conta com uma população de 1.303.403 habitantes de acordo com o último censo de 2022, é o município junto com Ananindeua estão entre os 12 municípios com os piores índices de saneamento básico do país (Trata Brasil, 2023). Isso compromete a qualidade de vida da população junto com as questões ambientais que estão atreladas, a exemplo das bacias hidrográficas que permeiam nossa cidade, e tem importantes funções socioambientais, uma das mais importante é a bacia hidrográfica que abastece a população e a bacia do Murucutu dos lagos Bolonha e Água Preta.

Ananindeua, segunda cidade mais populosa da Região Metropolitana de Belém, consolidou-se a partir de um padrão de expansão urbana marcado por ocupações desordenadas e pela ausência de planejamento inicial. A ocupação do território ocorreu, em

grande medida, por meio de invasões e ocupações espontâneas, com raros casos de bairros concebidos a partir de projetos estruturados. Mesmo áreas destinadas a programas habitacionais, como o Minha Casa, Minha Vida, acabaram por registrar ocupações irregulares e adaptações informais por conta das demoras nas entregas das casas pelo projeto, caso que faz parte do tal planejamento urbano que Aurilea Abelém (2018) pesquisou em seu livro *Urbanização e Remoção para quem?*, o qual nos leva a refletir que apesar de parecer um paradoxo de nossa cidade a tal falta de planejamento é muito bem planejado pelas políticas públicas urbanas.

O padrão de ocupação em Ananindeua inclui terrenos próximos a rios, que, embora nem sempre ocupam a margem como moradia direta, mas existem algumas casas em palafitas espalhadas pela cidade, influenciam a configuração dos bairros. Esses cursos d'água, antes utilizados para lazer e convivência comunitária, com o aumento de suas ocupações foram degradados e transformados em valões de escoamento. Diferente de Belém, onde muitas intervenções envolveram canalização e obras completas de macrodrenagem, em Ananindeua a intervenção costuma se limitar à conversão em valão, sem mudanças estruturantes. O entorno desses valões apresenta inúmeras vulnerabilidades socioambientais e histórica associação com contextos de violência.

Um exemplo emblemático desse processo é o conjunto habitacional Pará, Amazonas, Acre e Rondônia (PAAR), que origina o nome do bairro. Criado no início da década de 1990, o PAAR surgiu com a ocupação de terrenos que, nas décadas de 1970 e 1980, começaram a ser parcelados para habitação. Antes mesmo da construção das primeiras casas planejadas, a área foi invadida e expandiu-se de forma desordenada, chegando a ser considerada, nos anos 1990, a maior ocupação urbana da América Latina.

Em 1991, durante o governo de Jader Barbalho, a Justiça decidiu pela não retirada dos ocupantes, determinando que o Estado estruturasse e organizasse os conjuntos. Essa decisão marcou o início da regularização fundiária, beneficiando mais de seis mil famílias. As ruas do bairro recebem nomes de rios, mas o traçado urbano convive com áreas baldias, ocupações irregulares e infraestrutura precária, configurando um espaço de contrastes socioespaciais.

Nesse contexto urbano é onde um dos autores deste trabalho aprendeu e construiu sua vivência. Escrevendo isso tenho algumas vagas memórias de algumas ocupações e da minha própria casa ainda em construção um cômodo coberto dividido com todos da família, enquanto o resto ainda estava em construção permanecia aberto. As ruas ainda eram de terra, sem asfalto, e na época das chuvas era muita lama e poeira, era comum fazer mutirão para

cobrir buracos com entulhos e resto de construção. As casas ainda não tinham muros, vizinhos se ajudavam e pediam coisas emprestadas quando faltavam: óleo, leite, farinha, açúcar, às vezes resto de areia, cimento e seixo para terminar obras e por aí vai. Esse cotidiano, de imprevisto e solidariedade, revela como o Paar foi sendo erguido pelas próprias mãos da comunidade, em meio às ausências e vários vínculos que moldam a vida na periferia.

Ao aproximar essa experiência das reflexões de Rodrigues (1998), em seu livro *Banidos da cidade e unidos na condição* é possível perceber a lógica de periferização e marginalização observada no projeto de construção do Conjunto Cidade Nova, criado como “experimento de urbanização planejada” para abrigar trabalhadores deslocados das áreas centrais para as margens de Belém. A Cidade Nova representou, nos anos 1970 e 1980, a tentativa do Estado de controlar e organizar a expansão urbana, o PAAR surgiria como a continuidade desse processo mas o que se tornou popularmente conhecida como a maior invasão da América Latina na década de 90 e conta com algumas reportagens da Oliberal feita por Oliveira (2021) e pela historiadora e antropóloga Dayseanne Ferraz descreve na reportagem que o Paar foi inicialmente planejado para abrigar quatro conjuntos habitacionais dentro do processo de urbanização de Ananindeua nas décadas de 1970 e 1980, quando o Estado promovia a expansão dos conjuntos Cidade Nova. Antes, porém, que as casas fossem construídas, a área foi ocupada de forma desordenada, resultando em uma rápida expansão territorial que levou o Paar a ser considerado, nos anos 1990, a maior invasão da América Latina. No PAAR, a comunidade reelaborou o espaço imposto pelo Estado para ser seu próprio bairro feito pela comunidade, a exemplo a feira do roubaldo que será explanada mais a frente.

A expansão do bairro revela as outras reproduções da exclusão social que se experimenta na Amazônia urbana da capital para os limites de Ananindeua, configurando o que Rodrigues descreve como “novas formas de segregação na Região Metropolitana de Belém”. Essa outras reproduções da desigualdade e acessos afastou grande parte da população do centro e com condições precárias de infraestrutura e mobilidade. O centro ao qual nos referimos aqui, mais do que uma área valorizada economicamente, concentra também a maioria dos equipamentos culturais e de lazer, tais como: teatros, museus e espaços de arte, o que reforça a desigualdade no acesso à cultura. Como observa Berth (2023, p. 29), “não dizemos mais que ‘vamos à cidade’ para indicar o lugar onde se concentram as atividades comerciais, burocráticas e de serviços. Dizemos ‘vamos ao centro’”. Essa diferenciação, segundo a autora, revela como a cidade é organizada de forma a privilegiar certas áreas com

toda a infraestrutura necessária para o bem-viver, enquanto as periferias permanecem distantes, desassistidas e com deslocamentos cada vez mais penosos. Assim, se formou bairros periféricos praticamente sem espaços de reprodução cultural, o que influencia diretamente os modos de vida e as preferências culturais de seus moradores. Como muitos jovens daqui, nunca tive o hábito de frequentar museus ou de manter tanta proximidade com as artes eruditas; ainda prefiro mais com o rap, futebol, melody, tecnomelody, brega e o rock doido que rola por aqui, expressões culturais e de lazer que, acredito, refletir melhor a realidade e os sentimentos de muitos jovens do bairro. Como sintetiza Berth (2023, p. 27), “a configuração das cidades está permeada por símbolos que reafirmam as hierarquias sociais”, e é justamente nessas hierarquias que se estrutura a distância entre o centro e as margens.

Como afirmam Bogéa e Figueiredo (2016), Ananindeua vive um “silêncio que reverbera o vazio da cultura”, marcado pela ausência de espaços e políticas que reconheçam e fortaleçam as expressões culturais locais, na íntegra:

“A grande maioria dos artistas que alimentam a cena cultural de Belém moram em Ananindeua e pouco ou quase nada participam da vida da cidade onde moram [...] É um silêncio que reverbera o vazio da cultura, a debandada dos artistas e agentes culturais que deixam Ananindeua para expressar-se extramuros, enquanto a periferia permanece silenciosa e invisível.” (Bogéa; Figueiredo, 2016, p. 497).

2.2 A realidade presente

Em 2017, Ananindeua figurou entre as 20 cidades mais violentas do Brasil, segundo o *Atlas da Violência*. Marituba, Altamira e Marabá também apareciam nesse mesmo ranking, evidenciando que a violência urbana no Pará é parte de um fenômeno regional e persistente. Nesse cenário, o governo federal lançou o programa Frente Brasil, que ampliou significativamente o número de policiais nos bairros considerados prioritários no “combate à violência”. Entre esses, destacavam-se Icuí, Curuçambá, 40 Horas e Águas Lindas, com operações concentradas em áreas de fronteira entre bairros, como PAAR–Curuçambá, PAAR–Icuí, Atalaia–Jaderlândia e Águas Lindas–Centro (Borges *et al*, 2023). Como observa a autora Joice Berth em seu livro *Se a cidade fosse nossa*, “essa prática de segregação, de forte tom punitivista, é responsável por dar a pecha de perigosas a certas regiões, com o intuito de afastar do debate público as violentas desumanidades que são promovidas nesses lugares” (Berth, 2023, p. 40).

A presença ostensiva da polícia, no entanto, nunca significou sensação de segurança para a população. Ao contrário, ondas de homicídios e episódios de toque de recolher se intensificaram, reforçando um clima de medo e tensão cotidiana. Berth (2023, p. 39) se refere a isso como uma lógica de controle: “a forma como o Estado se faz presente nas periferias não é pela garantia de direitos, mas pela coerção e pela vigilância”. Era comum ouvir relatos sobre os “carros prata” que rondavam as ruas e que, na memória coletiva, se associavam a execuções e desaparecimentos. Os crimes, na sua maioria, aconteciam principalmente à noite. Algo que preocupa é a faixa etária dos homicídios, em suma maioria são jovens entre 18 e 24 anos (41,56%), seguida por 25 a 29 anos (20,78%), quase sempre jovens negros e periféricos, com base na investigação do período feita por Borges *et al*, 2023.

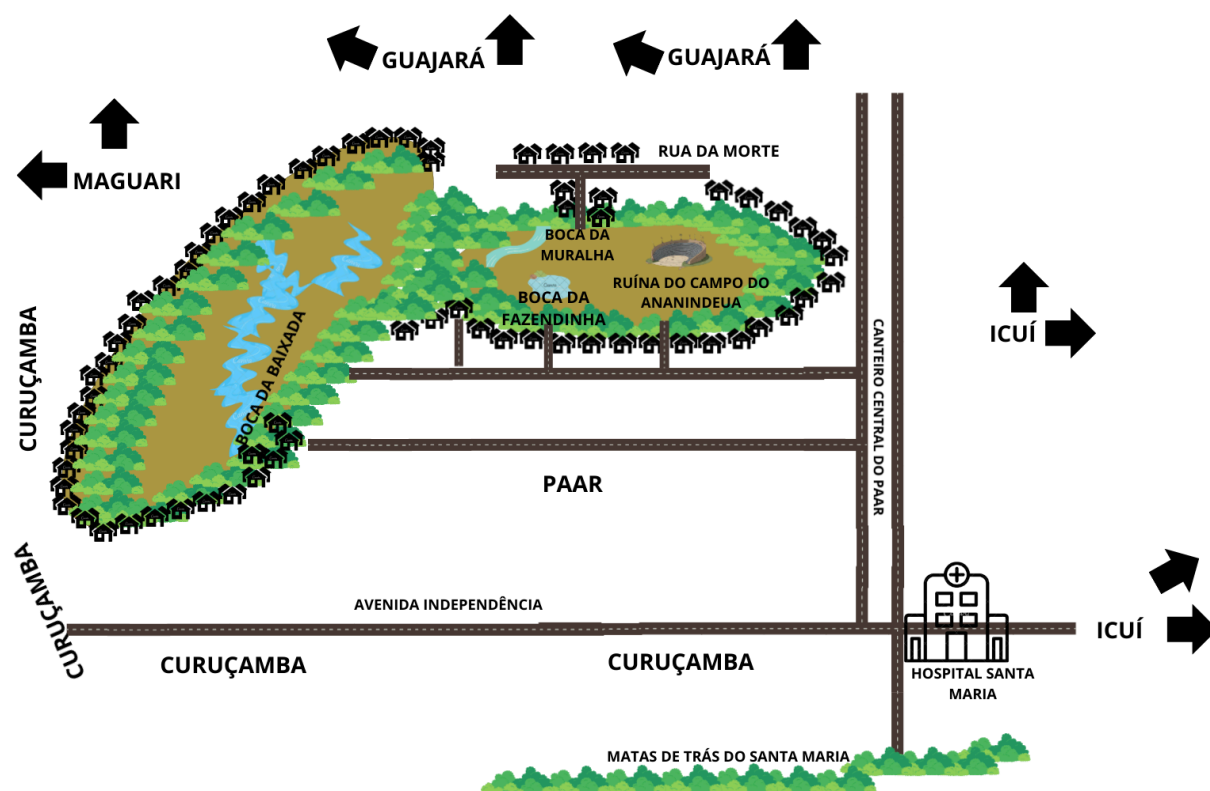
A dinâmica da violência na cidade também se complexificou com a atuação de facções criminosas e milícias. As execuções feitas por facções tendiam a agir de forma mais ostensiva, utilizando motos para facilitar a fuga e realizando execuções com grande número de disparos como forma de aviso na favela. Já as milícias operavam com precisão e cautela, uso de veículos, recolhimento de rastros, balas de “.40”. Em maioria, as investigações apontavam para a participação de policiais e ex-policiais em crimes de execução, reforçando a percepção de que as fronteiras entre crime e segurança eram cada vez mais tênues. Era frequente ver nos noticiários e pelas ruas casos de roubo de armas de segurança e policiais que faziam “bico”, muitas vezes resultando na morte deles. Esses episódios alimentavam ainda mais o arsenal, as chacinas nas baixadas, toques de recolher e as ondas de mortes por mortes, transformando os bairros em cenários de guerra.

Esse período era marcado pelo medo constante, inseguranças e desconfiança em relação às próprias instituições, considerando que as histórias de vida nesses territórios são atravessadas por violências, criminalidade e tensões diárias. A morte, nesse período-espço deixava de ser um choque e passava a ser mais um episódio esperado, um assunto de esquina.

As condições socioeconômicas desfavoráveis, marcadores raciais e sociais, baixa escolaridade, poucas oportunidades de trabalho e lazer ampliam a exposição à violência. A forma como o espaço urbano é ocupado contribui para esse cenário: ruas mal iluminadas, áreas de mata abandonadas, valões sem saneamento e fronteiras invisíveis entre ruas e bairros formam um ambiente onde a circulação é regulada. Dentro dessa dinâmica, as fronteiras entre bairros também se tornavam fronteiras entre masculinidades, marcadas por imposições, rivalidades e códigos. As guerras e brigas de escola, muitas vezes motivadas por disputas entre grupos de diferentes áreas.

É nessa realidade que avançamos para as narrativas de sobrevivência, revelando como, mesmo cercadas por precariedade e violência, surgem práticas de acolhimento, solidariedade e Bem-viver que permitem a sobrevivência e a construção de laços nas periferias de Ananindeua.

Figura 1 - Mapa ilustrativo do Paar³.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Um ponto que sempre chamou atenção de gente de outros bairros era a feira do Arrombado. Quem cresceu no bairro sabe que ali não era só mais uma feira de bairro. Entre bancas de frutas, verduras e carne, existia no canteiro e centro da feira, onde se vendia de tudo: eletrônicos pirateados, CDs e DVDs gravados e pirateados, tínhamos o costume de comprar os lançamentos de cds de aparelhagem que eram gravados toda semana em tal lugar tipo super-pop no recreio, Rubi na Km5, ferramentas, peças de carro e moto, e uma quantidade impressionante de bicicletas. Algumas dessas bikes eram furtadas ou roubadas; outras eram compradas de quem precisava de dinheiro rápido. Era comum ver o dono da bicicleta perdida procurando por ela no meio das barracas, na esperança de reconhecer o

³ Tudo pode ser meramente ilustrativo, talvez as pontuações nem sejam reais.

quadro ou alguma marca na pintura. Às vezes, achava, mas já desmontada, com peças trocadas ou pintadas de outra cor para despistar.

Figura 2 - Imagem das operações na feira do PAAR, 2015.



Operação realizada na feira "robauto" tem o objetivo de combater crimes. Paar (Foto: Divulgação/ Polícia Civil)

Fonte: G1 PA, 2015.

A feira funcionava também como um ponto de troca: tu ia com um celular velho e voltava com um som portátil; entregava uma bicicleta e saía com uma televisão pequena. O Arrobaudo tinha sua própria lógica e, apesar de ilegal em alguns pontos, fazia parte da dinâmica econômica do bairro. Até hoje tal rotina funciona mesmo após as reformas. É uma versão local de outras feiras conhecidas, como a do Barreiro em Belém, onde a mistura de comércio formal e informal se encontrava em um mesmo espaço.

Aqui áreas de mata eram mais que parte da paisagem, eram pontos estratégicos para o tráfico de drogas. Esses espaços serviam para esconder ou enterrar entorpecentes, fazer acordos e, em momentos de tensão, eram palco de trocas de tiros e homicídios. A vegetação ajudava na fuga, dificultava a entrada da polícia e criava uma espécie de “zona de ninguém” onde a lei que valia era a do comando local. Os moradores sabiam que esses espaços eram perigosos e evitavam passar por ali, principalmente à noite. Ao mesmo tempo, esses caminhos faziam parte do cotidiano, ir para o campinho ou chegar até o igarapé para tomar banho.

Na formação e consolidação do bairro uma das escrevivências que inicio, é um dos episódios marcantes da memória local, a chamada “Chacina do PAAR”. O caso teve início com a prisão de Joaílson, acusado de roubar uma bicicleta. Durante a detenção, o suspeito foi agredido, espancado e torturado por policiais na delegacia do bairro. A notícia chegou aos familiares, entre eles Paulo Monteiro, conhecido como “Paulo Mapará”, figurão do bairro.

Quinze dias depois, durante um plantão noturno, cinco homens armados invadiram a Delegacia do PAAR e assassinaram três policiais (um delegado e dois investigadores). Em retaliação, cerca de duzentos policiais civis e militares organizaram uma operação que resultou na execução de três acusados: Ronaldo Monteiro, Martinho Ferreira e Paulo Mapará. Este último teve o corpo colocado na mala de um carro da polícia e exibido pelas ruas de Belém.

Figura 3 - Corpo sendo carregado pela cidade no porta-malas.



Fonte: Blog Do Paar, 2016.

No período, muita gente saiu às ruas de toda Belém para acompanhar o arrasto do corpo, cercado de carros, curiosos, policiais e milícias com armas para o alto⁴.

O futebol acontecia no meio da rua, usando paus ou tijolos como traves, muitas vezes ao lado de valas abertas. As férias escolares deixam o céu cheio de pipas⁵, e as crianças disputam espaço entre as casas, carros e buracos no asfalto. A rua ainda é o lugar onde se brinca de pira-garração, pira-maromba, taco, bandeirinha, e outras brincadeiras, mesmo com o risco de se machucar em meio ao entulho e buracos. Apesar das dificuldades, essas ruas funcionam como ponto de encontro e convivência. Vizinhos conversam nas portas, crianças circulam de casa em casa, e as relações de amizade se fortalecem na convivência diária. A falta de praças, quadras e centros culturais é compensada por essa ocupação espontânea dos espaços disponíveis, criando redes de apoio e cuidado que fazem parte da vida comunitária. Assim, mesmo em condições precárias, as ruas mantêm um papel central na socialização e no fortalecimento do senso de pertencimento de quem vive nas baixadas.

As fronteiras em algumas partes do PAAR eram constituídas por muros e matas que marcavam o fim das ruas e das casas, como contextualizado acima. Esses limites, para quem cresceu ali, não eram barreiras, mas caminhos para igarapés para o banho e campinhos de areia improvisados para jogar bola. A “fazendinha” ficava atrás das ruínas do antigo estádio nunca finalizado do finado time do Ananindeua, separava pedaços da fronteira entre o PAAR e o Guajará, em cima da arquibancada e embaixo dela era comum o pessoal se reunir para fumar um, passar *corres* e ficar *gastando liga*. Era também ponto de muita tensão ali na frente da Rua da Morte, no lado do Guajará, existia a chamada “muralha” funcionava uma boca muito forte, e do lado do PAAR, o muro da fazendinha outra boca igualmente forte.

⁴ Algumas imagens feitas na época:

<https://g1.globo.com/pa/para/video/o-assassinato-de-agentes-de-seguranca-que-chocou-ananindeua-em-1995-10780458.ghtml>.

⁵ Visualvivências:

https://drive.google.com/drive/folders/10o3ghANdL2-dsf2oJRqq380ndvSwP_eT?usp=sharing.

Figura 4 - Caminho das ruínas do estádio do Ananindeua.



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Na parte final da baixada da Rio Negro, a paisagem se abria para um pequeno lago e mais um campo de areia. Durante a adolescência, o caminho até ali passava por rotas conhecidas por abrigar pontos de tráfico. Eram trajetos complicados, porque se sabia que, dependendo do dia e do clima, poderia acontecer uma cobrança, uma batida ou até um confronto, no tempo de extrema tensão e confrontos ocorreram muitos assassinatos e prisões por ali pela polícia e carro prata.

Era comum que alguns traficantes se aproximassem, trocassem ideia, se escondessem perto, fumassem ou até jogassem bola com a molecada. Esse convívio quebrava a imagem rígida e as construções sociais violentas que se tinha dessas pessoas. Na adolescência a imagem era outra, na vida adulta ali de perto não pareciam violentos. Na rua, eram figuras associadas ao medo e à violência; ali, naquele meio, voltavam a ser parte da comunidade, reconhecidos por apelidos de infância e lembranças que, por algumas horas, pareciam suspender a lógica dura do bairro, pareciam se tornar mais humanizados perante os estereótipos impostos.

Um colega da escola, apelidado de “Cirilo” que morava em outra parte do bairro, foi lá um dia pra fazer a missão de pegar uma missão no muro. Era rápido, coisa que muita gente fazia. Só que nesse dia a polícia entrou. Os caras da boca reagiram. Ele ficou no meio, sem conseguir sair, e foi baleado e perdeu sua vida.

Figura 5 - Molecada jogando futebol na rua.



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Durante a infância e adolescência, os pais e mães saíam para trabalhar e só voltavam à noite. Nesse intervalo, eu e minha irmã éramos cuidados por uma amiga da nossa mãe e da Atalaia do Norte, pelo avô e vizinhos da rua. Com o tempo, essa responsabilidade se invertia. Já adulto, o cuidado dos filhos das mesmas mulheres que haviam cuidado das crianças da rua, era passado para a próxima geração que cresceu ali. Ao encontrar esses jovens hoje, já na adolescência ou na vida adulta, existe olhares de respeito e à permanência de vínculos.

Sentado na calçada numa roda, foi sentida a falta de uma das pessoas que frequentava o círculo, mas não tinha muito vínculo e poucas vezes se via. Com a ausência dele, foi contada uma história de seu sumiço. Alguém contou que o padrasto dele tinha desaparecido. No começo, parecia apenas mais um boato que corria pela rua. Diziam que o padrasto batia na mãe do moleque (menor de idade), numa noite qualquer, depois de mais uma briga, o filho reagiu. Numa oportunidade de estar sozinhos próximos às matas ali atrás do Santa Maria, o moleque esfaqueou o homem e escondeu o corpo dentro da mata. Dias depois, começaram a

sentir falta do homem. A busca terminou ali mesmo, naquelas matas fechadas. Foi ali que encontraram o corpo. Semanas depois, o moleque voltou para nossa roda após sair do DATA. Ele era alguém da idade da maioria, que a gente via na rua, e que agora carregava aquilo nas costas. Depois disso, o clima pesava, o silêncio tomava conta e a conversa mudava de rumo.

Em muitos trechos do bairro, não existe rede de esgoto. O que tem são valas abertas, que carregam água de chuva misturada com esgoto doméstico. Essas valas cortam ruas, passam atrás de casas, e em época de cheia, transbordam. A água entra nas casas, leva lixo e doenças. Isso é tão frequente que a brincadeira acontecia ali mesmo.

Figuras 6 e 7 - Atalaia do norte cheia.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Era comum a regra não escrita: roubar onde não podia trazer castigo. No bairro, todos sabiam. Dois adolescentes da rua de trás arriscaram furtar a escola/creche de noite. No dia seguinte, não houve discussão, nem conselho. Acharam os dois, levaram pra mata e gravaram o vídeo para espalhar nos grupos do Whatsapp. Um disparo em cada mão pra ficar de exemplo.

Conviver com as perdas de amigos de escola e de infância envolvidos com o tráfico foi uma das partes mais pesadas de crescer ali. Muitos deles, mesmo depois de uma fase em que pareciam tranquilos e sem tanta ligação com a violência, acabavam entrando para essa vida e mudando o jeito de ser. A masculinidade era moldada para lidar com a criminalidade, com a presença constante da violência, com o porte de arma, com a sensação de poder que isso dava. Era como se, para sobreviver, precisasse vestir uma postura de machão o tempo todo.

O período em que os homicídios aumentaram foi particularmente difícil. As chacinas, os “carros prata” circulando, a notícia de mais um amigo morto ou desaparecido se tornaram rotina. Colegas que eu ainda lembrava empinando pipa, jogando pira garrafão, labirinto, bandeirinha ou futebol na rua passaram a desaparecer alguns por morte, presos por porte, roubo ou tráfico, outros porque precisavam sair do bairro para fugir de ameaças. A juventude carregava um peso que não combinava com a idade. Acordar e ouvir que fulano tinha levado tiro, que beltrano tinha matado alguém a mando da fac, que mais um tinha “caído” em confronto, tinha virado rotina. Não era um assunto distante, era a vida acontecendo da forma real.

Igual aquela do Leall, que já chorei incontáveis vezes:

“Somos jovens negros e queremos espaços/ A rebeldia nos faz vivo, pra seguirmos intacto/ Somos jovens... Destruindo vidas com arma e doses de álcool/ O que fazer quando os sentidos se invertem? Quando os amigos de infância se perdem?/ A lei da atração não tá funcionando/ O que tu faz quando o problema é na pele/ Qual sua posição entre o bem e o mal?/ Quando a violência domina teu CEP?/ Diz pra mim, Fala aí?...” (Leall, 2020).

Eu queria ter mostrado essa música para alguns amigos antes. A gente cresceu aprendendo muito cedo o que era ser forte ou tentar, vestindo uma casca de machão pra não cair no choro e escondendo dores. Mas a verdade é que nossos corações sempre foram frágeis. A sentimentos e direcionamos nosso ódio para lugares errados, sempre doeu ver e sentir a perda. O que queria aprender e ensinar agora é expressar nossos sentimentos e afetos uns com os outros, sem medo de parecer fraco, sem esconder o que sentimos. Que a nossa amizade, nossa vivência, seja também espaço de cuidado, de amor e de escuta. Que possamos rir e chorar juntos, falar sobre medo e alegria, construir laços que nos sustentem. Como bell hooks ensina, “O amor é a prática da liberdade”. Aprender a mostrar Amor.

Escrevo aqui muito o que aprendi com Dona Valeca minha bisavó, matriarca da família Monteiro que foi uma das primeiras moradoras da Passagem Santa Isabel ou Vila Isabel (pros mais íntimos) lá no bairro da Pedreira. É difícil não falar dessa rua e não ouvir o nome de Dona Valeca quase centenária na rua/bairro, uma das primeiras moradoras da vila onde cuidou de meus parentes Monteiros e de alguns amigos íntimos dela ali da rua. Quando ia visitar e passar uns dias em sua casa era comum ouvir ela lembrando um pouco passado e rindo que enganava seus filhos (minhas tias e tios-avós) e alguns pequenos que circulavam e moravam na rua com bolinho de trigo e dizendo que era peixe, fazia chibé para os menores para enganar a fome. Ensinou que ali na Vila Isabel os mais velhos tinham responsabilidade

de cuidar da família não só de laços sanguíneos mas em apoio a vila, sempre ouvia ela dizer “onde come, um come dois” “tem ovo e farinha”, quase sempre ela se referia a gente como meu filho para a maioria nunca pelo nome. Ensinou parte da família que passou a ocupar outros bairros para tentar viver dessa forma e espalhar essa mesma lógica de solidariedade e vizinhança, esse tal modo de vida dentro desse urbano que chamamos de Amazônia Urbana.

Figura 8 - Dona Dinha (minha avó); Dona Valeca (minha bisavó e matriarca da família Monteiro).



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

3. Intercalando caminhos, escrevivência 2

Antes de qualquer coisa compartilhamos dos escritos de Orta (2017) de que “[...] uma História de Vida nunca se reduz a uma pessoa. Ela entrela-se com imersos laços sociais, partilha representações, conta a sua maneira, a História de um tempo, com veículos. É, por isso, uma história social” (Orta, 2017, p.6).

Nesse sentido relatos da minha vivência, agora com mais afinações me permitem refletir e reconstruir essa história que se inicia em dois planos no rural onde foi minha infância e no urbano onde vivi minha adolescência e vida adulta, essas duas vivências me permitem fazer um certo comparativo. De um lado uma garotinha de cor parda, tímida e curiosa filha de mãe branca e pai preto nascida no arquipélago do Marajó, onde passou parte da infância e que mais tarde foi morar em uma cidadezinha pacata do baixo Tocantins, e pelo outro uma adolescente corajosa (modéstia à parte) que foi tentar uma outra forma de viver na capital Belém-PA em busca de conhecimento e oportunidades. Hoje moradora de um bairro periférico (Águas Brancas) de Ananindeua-PA busco manter viva o aprendizado e a conexão com a natureza que obtive na infância através dos meus estudos e trabalhos realizados na coletividade. Passei pelo rural e hoje no urbano, minha infância foi em contato direto com a natureza, pique-esconde atrás das árvores com os meus irmãos, aprendi a pescar e a saber das horas através do tempo da natureza, quando o sol está em cima e com pouca sombra já sabia que era meio-dia, e hora do almoço, sempre com açaí e peixe fresquinho, a maré alta era boa para o banho onde ficávamos quase duas horas, e pra terminar uma frutinha colhida do pé da árvore. Aprendi coisas que não me ensinaram na escola, a conexão com a natureza! e que hoje carrego comigo aonde for, meu Bem-viver em minha infância foi maravilhoso.

Já adolescente no contexto urbano em meios a turbilhões de emoções e dúvidas, em contatos com outros pensamentos aprendi sobre amizade, cumplicidade e sonhos. Na cidadezinha do interior do Pará, sem celular, eram as rodas de conversas e músicas o entretenimento nos anos 90. Meus primeiros gostos musicais (Nirvana e Renato Russo) nasceram daquele Bem-viver da adolescência, que apesar de confusa e tediosa, era legal e divertido pois não havia muitas diferenças sociais, as escolas eram todas públicas, íamos a pé ou de bike, e tinha uma única pracinha que servia de ponto de encontro para os adolescentes, com o plano real (governo FHC) ainda recém implantado o dinheiro rendia mais, pão era 0,10 centavos, o ovo 05 centavos. No entanto nessa época não havia muita perspectiva em relação aos estudos e nem a emprego na cidade, ao terminar o ensino médio, muitos arrumavam

família, outros iam trabalhar na prefeitura se fosse do lado do prefeito, ou seja, tinha que ter feito campanha vestido a camisa e colocado a bandeira na frente da casa, quem tinha mais condição ia estudar na capital Belém-PA, pois não havia faculdade ou universidade na cidade e nem nas redondezas. Isso acontecia muito nas cidades do interior do estado e ainda acontece.

3.1 Contextualização da cidade

Muitas pessoas migraram para cidades maiores como Belém, Ananindeua, Marituba em busca de melhores condições de estudo e emprego, o que também gerou uma ocupação desordenada nas cidades, principalmente nas periferias. Eu fui uma dessas pessoas, com 16 anos e sem saber direito o que fazer fui em busca de outro Bem-viver, fui morar com uma prima do meu pai, que também veio tentar a vida na capital e morava em um quarto alugado. Apesar das condições financeiras e de moradia não favoráveis o quartinho reinava a harmonia, sem brigas ou reclamações conseguimos ter o nosso Bem-viver, essa prima foi o que costumam dizer um anjo nesse momento, uma rede de apoio que me estendeu a mão quando eu mais precisei sem pedir nada em troca graças a solidariedade dela e do marido, que me deram teto e comida, consegui concluir meu ensino médio. Só depois descobri que ela não era prima do meu pai, mas sim uma conhecida conterrânea do Marajó e devido meu pai já ter ajudado a família quiseram retribuir de alguma forma.

A vida na cidade grande é bem diferente das cidades pequenas, na cidadezinha onde passei parte da minha adolescência eu acordava às 6:30 tomava banho, me arrumava e tomava café, levava em média 10 minutos para chegar na escola. Não me preocupava em pegar transporte público pois não era necessário, exceto os estudantes da área ribeirinha que precisavam ir de barco ou casco. Já em Belém minha primeira morada foi no bairro populoso do jurunas, na época a cidade estava muito perigosa morávamos em uma área conhecida como área vermelha, haviam muitos jovens envolvidos com a criminalidade e drogas, ali nascia minha primeira análise sociológica de urbanidade sem saber o que era sociologia, a rua em que morávamos era estreita e todos se conheciam, tive que fazer amizade, e acabei conhecendo alguns jovens que praticavam assalto, furtos e vendiam drogas, mas não me faziam mal algum pois sabiam que eu morava por ali pelo setor, conversando com alguns pude entender que muitos, vinham de famílias desestruturadas ou com pais que trabalhavam o dia todo, e não passavam muito tempo com os filhos, muitos daqueles jovens negros que eu

conversava não estão mais nessa terra, só daquela rua vi morrer uns três, vidas perdidas para a violência e para as o tráfico de drogas.

Minha prima que já chamava de irmã, foi sorteada com uma casa em um dos projetos de habitação popular pela COHAB no bairro do Tenoné, fiquei feliz por ela pois morávamos de aluguel, o problema desses programas a falta de infraestrutura, a casa era pequena uma cozinha, um banheiro e um quarto, o bom é que tinha uma área de terreno sobrando o que possibilitava a construção de mais cômodos, o conjunto lembrava muito a do filme cidade de Deus, além disso os lugares são distantes e somado a precariedade do transporte público, com poucos ônibus implicava na mobilidade, saímos de perto do centro e fomos para a periferia, eu tinha que acordar as 5 da manhã para pegar o ônibus das 6h, pois continuei a estudar no mesmo colégio que ficava no bairro da cidade velha, estava no meu último ano do ensino médio e naquele ano eu ia fazer meu primeiro vestibular, convenci o meu pai a pagar um cursinho preparatório que frequentava depois das aulas, meu almoço normalmente era um lanche, conhecido como lanchão era uma massa com um recheio e um suco artificial. Foi um ano difícil, chegava tarde em casa pois pegava o engarrafamento, encontrava minha paz nos finais de semana, em casa brincava com os filhos da minha prima/irmã pequenos e fofos. Naquele ano eu não passei no vestibular.

Passando esse ano tive que me despedir daquela família maravilhosa que me acolheu por dois anos e que jamais esqueceria. Voltei para o bairro do Jurunas dessa vez morando sozinha em uma kitnet de dois cômodos bem simples próximo ao rio na beira mar, o ruim era o saneamento, era que às vezes o banheiro alagava e dava um trabalhão pra limpar, e havia pouca iluminação naquela rua também. O intuito era estudar bem para passar no vestibular de odontologia (Alguns cursos, como odontologia, medicina e direito eram e ainda são muito concorridos e precisava de uma boa nota para passar), na época os processos seletivos para entrar nas faculdades era diferente e bem mais complexo, pelo menos ao meu ver, e eu ainda por aprender não sabia que o curso que queria entrar era elitizado, e com a educação deficiente da escola pública encontrei reforço no cursinho preparatório, tentei por mais dois anos, mas não passei, no entanto ganhei bons amigos que falo até hoje. As cobranças vieram, meu pai desapontado disse que teria que trabalhar pra pagar minhas contas e assim eu fiz, adiei o sonho de entrar na universidade e fui trabalhar, outra experiência marcante nesse ano foi minha mudança para Ananindeua. O trabalho me proporcionou várias conquistas, o primeiro foi o de cursar ciências sociais em uma universidade particular, trabalhava durante o dia e estudava pela noite até conseguir meu diploma. Depois de seis anos fui demitida do meu

primeiro emprego por questionar irregularidades na empresa, sempre pulsou em mim a indignação com as injustiças, e as Ciências Sociais aguçaram ainda mais esse sentimento. Essa corrida da minha vida descrita até aqui é proposital e necessária.

Em meio a pandemia e sem poder sair de casa 2021 um amigo viu na internet o anúncio de uma formação só para mulheres, chamada formação Jandyras, realizada pela ONG Ame o Tucunduba, hoje chamada Mandí, era uma formação para e entender melhor sobre mudanças climáticas e justiça ambiental, como sempre me interessei por questões ambientais me inscrevi e fui selecionada junto a mais 39 mulheres. A formação foi toda virtual por conta da pandemia do Covid-19, com a participação de diversos ativistas ambientais dentre eles a indígena Txai Suruí e profissionais da área, essa formação foi um divisor de águas na minha trajetória!

Figura 9 - Primeiro encontro presencial Jandyras.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Foi nesse momento que liguei todos os pontos e descobri o que de fato fazia sentido pra mim, o aprendizado com a natureza que tive na infância afloraram, agora por uma outra perspectiva, ficava me perguntando como assim os impactos ambientais são sofridos pelos mais vulnerabilizados, como assim as políticas públicas não visam a inclusão da natureza e adaptação desses impactos, porque não estamos fazendo nada. O produto final dessa formação foi a produção de uma agenda climática, chamada “Agenda para Belém” nela

contextualizamos e enfatizamos as principais problemáticas da cidade de Belém, que foram divididos em cinco tópicos. Justiça ambiental e racial; infância e clima; mobilidade urbana; direito à água e saneamento e direito à cidade com foco em habitação, como a grande parte das mulheres vivia e ainda vive nesse contexto de periferias e baixadas, não tínhamos como não abordar esses temas que englobam grande parte da população desses bairros. Outro feito que trouxe a formação foi a junção da Rede Jandyras como coletivo e junto a isso a ideia de implantar o primeiro fórum de mudanças climáticas da cidade de Belém.

Segundo a pesquisa que realizamos Belém é a segunda maior metrópole da região norte e está localizada em meio a floresta amazônica, o que poderia favorecer uma maior integração de seus habitantes com a natureza. No entanto, o processo de urbanização, como já mencionado aqui foi focado no progresso e na modernidade, distanciou a cidade de suas raízes. As ruas passaram a dominar sobre os rios, resultando na exclusão de grupos sociais de políticas e infraestrutura básica.

Figuras 10 e 11 - Divulgação da formação Jandyras.



Fonte: G1 PA, 2021 e Portal UFPA, 2021.

A formação Jandyras e em seguida a junção dessas mulheres me fez refletir em como o coletivo é essencial para termos Bem-viver, nele conseguimos juntar dores e dificuldades em prol de melhorias que nos são negadas, juntas conseguimos realizar muitos sonhos e a conduzir projetos voltados para as periferias, baixadas e populações tradicionais, fortalecendo esses territórios. A implantação do primeiro fórum municipal de mudanças climáticas foi uma conquista da união da sociedade civil que vive na periferia, e nas baixadas, de Ongs e coletivos que surgem delas e claro de políticos que buscam a inclusão dessas pessoas nas políticas públicas é sobre cuidar dos nossos.

Figura 12 - Notícia sobre a implantação do fórum.



Fonte: ICS, 2023.

4. Considerações finais: Bem-viver na solidariedade ou/ como ato político

O Bem-viver como filosofia de vida é necessário diante das diversas problemáticas que foram apresentadas, desafios que não foram exclusivos nossos, mas de boa parte dos amazônidas sejam urbanos ou rurais, nas cidades o direito a cidade vai além da infraestrutura, envolvendo a garantia de um bem comum onde os habitantes se sintam parte ativa do espaço urbano, tornar as cidades mais inclusivas e sustentáveis. Em Belém e Ananindeua é indispensável considerar as relações com os rios para a construção de política de habitação, aproveitando também o potencial para a mobilidade e lazer em busca também de justiça ambiental.

Em todo esse caminho de vivências tanto no rural quanto no ambiente urbano em meio ao coletivo, podemos perceber várias conexões de Bem-viver, como foi citado, adaptado ao nosso contexto brasileiro amazônico, a solidariedade junto ao processo de descolonização das mentalidades, aliado ao respeito à natureza e nós como parte integrante dela, ensinamento dos nossos povos indígenas e populações tradicionais que refletem na vida dos amazônidas.

Vemos, vivemos e sentimos que o Bem-viver nas baixadas de certa forma é utópico, mas vejo luz nesse caminho, sem o Bem-viver das nossas baixadas não teríamos a oportunidade de estar aqui escrevendo isso, ou estaríamos em outro lugar. Ele se faz de uma

construção prática, feita dia a dia, entre quem vive na linha de frente da precariedade e da violência. Não se trata de viver sem problemas porque eles estão por toda parte, mas de desenvolver maneiras de seguir vivo, inteiro e com dignidade.

Através dessas escrituras, fica nítido que o Bem-viver aqui não é sobre “ter tudo”. É sobre ter com quem contar. É saber que, se a rua encher, alguém vai ajudar a tirar a água de dentro de casa. Se faltar açúcar o vizinho fortalece. O mercadinho deixa pegar fiado. Vamos fazer churrasco e beber no final de semana. Vou assistir o RExPA, com os torcedores da mucura da Atalaia do Norte. Aumenta esse som vizinho que tu só colocaste os melody pedrada hoje. Nossos filhos vão crescer sendo cuidados pela rua. Vamo queimar pneu no canteiro que estamos sem água, sem coleta de lixo e energia. Quadrilha maluca. Bora fazer uma lombada de cimento que o pessoal de moto passa muito voado aqui e pode bater nossas crianças. União do fim de ano. Bora de bike ver a santinha. Pipa nas férias e a nossa rua contra a outra. Coleta do lanche depois do futebol. Baralho e dominó. Bora invadir de equipe a festa. Meu filho chegou graças a Deus. Fala pra vizinha que eu fiz bolo hoje. Repara meu filho quando ele passar na tua rua.

A rua tem se protegido e se cuidado.

Ele está nas conversas rápidas na porta de casa, no recado passado de vizinho para vizinho, na correria para proteger alguém quando a rua fica perigosa. É o jeito que a comunidade encontra para se cuidar, mesmo sem ter segurança oficial, saúde de qualidade ou infraestrutura. Em muitos bairros da periferia, e no PAAR não é diferente, saber das coisas antes de elas acontecerem é questão de sobrevivência.

O cuidado aqui se expressa em gestos simples, mas fundamentais. Quando um adolescente começa a se envolver com o tráfico, quase sempre alguém mais velho tenta intervir. Às vezes é um vizinho que cresceu com a família, às vezes é um amigo do pai, às vezes é a própria mãe de outro colega. Essas conversas são diretas. Nem sempre funciona, mas é uma tentativa constante de segurar quem ainda pode ser salvo.

O cuidado nas baixadas muitas vezes começa pela porta da casa do vizinho. Quando uma criança passa muito tempo na rua, alguém mais velho chama para perguntar se já comeu, se a mãe sabe onde ela está. Esse acolhimento é natural? Não se trata de uma grande ação social, mas de uma rede de atenção que impede que as pessoas desapareçam sem que ninguém perceba.

Aprender desde cedo as regras não escritas. Todo mundo sabe quais ruas evitar em determinados horários, quais as fronteiras entre bairros atravessar, onde é possível brincar sem risco e onde não se deve entrar. Essas regras não vêm de lei oficial.

O lazer, quando existe, também é fruto desse cuidado coletivo. As festas de rua, torneios de futebol, copa do mundo e quadrilhas juninas acontecem porque a comunidade se junta para organizar. Nesses momentos, há uma espécie de trégua: até pessoas envolvidas no crime respeitam o evento, porque entendem que faz parte da vida do bairro. É como se, por algumas horas, a rua voltasse a ser só espaço de encontro, e não de medo.

A solidariedade não apaga a violência que continua rondando. O Bem-viver nas baixadas não é perfeito nem consegue resolver tudo. Existem momentos em que nem a rede comunitária dá conta. Inocentes perdem a vida por estarem no lugar errado. Ainda assim, essas redes e práticas fazem diferença todos os dias. Não acabam com a violência e precariedades, mas garantem que, no meio dela, ainda exista cuidado, acolhimento e solidariedade.

Apesar dessas contradições, o que mantém o bairro de pé é justamente essa capacidade de se apoiar, de criar estratégias próprias de sobrevivência.

E é nesse contexto entre solidariedade e violência, entre cuidado e risco que esta escrevivência se constrói. Não como um relato romantizado da vida na periferia, mas como registro direto de como se vive e se resiste nas baixadas. Aqui, o Bem-viver é ato político e necessidade prática, sustentado por quem mora, cuida e permanece, mesmo quando tudo ao redor parece conspirar para que esse modo de vida desapareça.

Apesar dessas contradições, o que mantém o bairro de pé é justamente essa capacidade de se apoiar, de criar estratégias próprias de sobrevivência. Aqui, todo mundo sabe que depender só do Estado é morrer na praia.

Só que esse Bem-viver está constantemente ameaçado. O avanço de um modo de vida capitalista e individualista corta relações sociais, enfraquece vínculos e afasta a presença humana das ruas. A lógica de “cada um por si” desestrutura redes de vizinhança, diminui a disposição para ajudar e transforma problemas coletivos em responsabilidades individuais. O isolamento não é só físico, ele afeta a confiança, a solidariedade e o senso de pertencimento. Quando cada uma passa a se fechar no seu próprio portão, o que se perde não é só o contato, mas a própria essência do que mantém o bairro vivo.

Escrevendo, fiquei pensando em algo simbólico para continuar imaginando utopias nos nossos bairros. Nosso ponto de encontro será nas ruínas do campo do Ananindeua. Vou

chamar agora de ICURUIGUAPAAR (Icuí, Curuçambá, Guajará e Paar), ocupado pela vida e pela presença de cada um de nós. Mesmo distantes dos palcos de protagonismo e das discussões que falam sobre favelas sem nos ouvir, criamos o nosso próprio espaço. Lá a gente senta para conversar sobre o bem-viver, para lembrar histórias que nos atravessam e, acima de tudo, falar de amor.

Parte dessa escrevivência caminha junto à música dos Racionais MC 's: *Fórmula mágica da paz*⁶. Em um trecho se canta “a gente vive se matando, irmão, por quê? Não me olha assim, eu sou igual a você”. Essa letra sempre me levava pra outro lugar. É a lembrança de que a violência que marca o bairro não nasceu da gente, ela foi imposta entre nós. O que é nosso de verdade é o cuidado, a solidariedade e a insistência em seguir vivo. Ela continua “não se acostume com esse cotidiano violento, que essa não é a sua vida, essa não é a minha vida”. E é isso que eu vejo quando penso no Bem-viver: não é negar o que acontece, mas criar formas de resistir. A violência não é natural em nossas ruas, mas o Bem-viver talvez seja. Ele nasce do coletivo, do apoio, da insistência. A fórmula mágica da paz, o amor e o Bem-viver caminham juntos. E, como lembra Bell Hooks, em seu livro: *Tudo sobre amor: novas perspectivas*. Talvez o caminho esteja no amor. Não naquele romântico ou ingênuo, mas o amor como escolha política, como prática de cuidar uns dos outros, de acreditar que ainda vale a pena resistir. Continuemos acreditando no amor como nossa principal arma, que o amor seja nossa fórmula mágica da paz e na construção de uma sociedade sustentável e de respeito entre humanos e não humanos.

Mano Brown, no encerramento da música do DVD *Mil Trutas Mil Tretas*, recita:

“Você foi feito pra correr nos campos, andar de cavalo, andar entre crianças, cachorros, velhos. Entendeu, rapaz? Flores, natureza, rios, água limpa pra beber, rapaz. Essa foi a vida que Deus preparou pra você. Mas o ser humano é ambicioso, ele estragou tudo. Ele estragou tudo. Vamo vivendo, esse é o caos, esse é o mundo que você convive hoje. Século XXI, geração do século XXI. O que é que você vai fazer pra mudar? Cruzar os braços e reclamar? Ou você vai ser a revolução em pessoa? Acredito em você, rapaz. Procure a sua, eu vou atrás da minha. Fórmula mágica da paz” (Racionais MC 's, 2014).

REFERÊNCIAS

ABELÉM, A. G. **Urbanização e remoção**: por que e para quem?. Belém: NAEA, 2018.

BERTH, J. **Se a cidade fosse nossa**: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2023.

⁶ Racionais MC 's - Formula mágica da paz: [DVD - Mil Trutas Mil Tretas - Fórmula Mágica da Paz](#).

BOGÉA, E; FIGUEIREDO, S. **O avesso da cidade da cultura. Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v. 9, n. 2, p. 486-510, jun./dez. 2016.

BORGES, R. H. M., DO NASCIMENTO, R. P. B., CHAGAS, C. A. N., & NETTO, R. M. R. (2023). A violência na região metropolitana de Belém-PA: um olhar geográfico sobre a criminalidade na cidade de Ananindeua. **Cuadernos De Educación Y Desarrollo**, 15(8), 7064–7088. <https://doi.org/10.55905/cuadv15n8-014>. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/1607>. Acesso em: 14 de Agosto de 2025.

CUNHA, Eduardo Vivian da; SOUSA, Washington Jose de. O Bem-viver no Brasil: uma análise da produção acadêmica nacional. **Revista Katálysis**, v. 26, n. 2, p. 321-332, 2023.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2018. 272 p.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA); Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). **Atlas da Violência 2017**. Brasília: Ipea; FBSP, 2017. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/2898-atlasdaviolencia2017completo.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2024.

LOBATO, L. H. N. (2024). Da Belle Époque à COP-30: a segregação e injustiça socioambiental nas reformas urbanas entre centro e baixadas de Belém. **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, 17(10), e11683. <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.10-215>.

MIRANDA, Thales Barroso de A. et al. A ilusão da igualdade: natureza, justiça ambiental e racismo em Belém. 2021. **Dissertação (Mestrado) – Instituto de Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFPA**, Belém, 2021.

OLIVEIRA, D. **Bairro do Paar, que um dia já foi a maior invasão da América Latina, completa 30 anos**. O Liberal, Ananindeua, 15 out. 2021. Disponível em: <https://www.oliberal.com/ananindeua/minhacidade/bairro-do-paar-que-um-dia-ja-foi-a-maior-invasao-da-america-latina-completa-30-anos-1.447568>. Acesso em: 27 out. 2025.

ORTA, José A. Histórias de vida e memória social. **Quaderns d'animació i educació social**, n. 26, p. 4, 2017.

PASSOS, Marcus; NUNES, Leo; G1 Pará; TV Liberal. Doc. Liberal: o assassinato de agentes de segurança que chocou Ananindeua em 1995. **G1 Pará**, Belém, 21 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2022/07/21/doc-liberal-o-assassinato-de-agentes-de-seguranca-que-chocou-ananindeua-em-1995.ghtml>. Acesso em: 15 de agosto de 2025.

RACIONAIS MC's. **Fórmula Mágica da Paz**. Produção: Sindicato Paralelo Filmes. Direção: Ice Blue, Mano Brown e Roberto T. Oliveira. São Paulo: Racionais TV, 10 mar. 2014. 1 vídeo

(10 min 18 s). Disponível em: [DVD - Mil Trutas Mil Tretas - Fórmula Mágica da Paz](#) Acesso em: 10 agosto 2025.

RODRIGUES, E. J. **Banidos da cidade, unidos na condição: Cidade Nova, espelho da segregação social em Belém**. Belém: Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), 1998.

SOARES, K. G. **As Formas de Morar na Belém da Belle Époque (1870 – 1910)**. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008. Disponível em: <http://pphist.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/Ms%202006%20KAROL%20GILLET%20SOARES.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2024.

VALADARES, Marcos da Silva. Luzes e sombras na Belle Époque: a iluminação elétrica como produto socioespacial na modernização de belém (1894-1904). in: **Simpósio Nacional de História**, 31., 2021, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: Associação Nacional de História (ANPUH), 2021.

WEINSTEIN, B. **A Borracha na Amazônia: Expansão e Decadência (1850-1920)**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.